

## OS DESAFIOS DA EJA E SUA RELAÇÃO COM A EVASÃO

Adriana I. Griffante<sup>1</sup>

Liane Angélica Bertotti<sup>1</sup>

Lisandra Pacheco da Silva - Orientadora<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina Escola e Pesquisa: um encontro possível, no curso de Aperfeiçoamento em EJA, na Universidade de Caxias do Sul. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a pesquisa de opinião, através da elaboração e aplicação de questionários para discentes e docentes de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental situada no centro da cidade de Caxias do Sul/RS, com objetivo de analisar se os desafios encontrados pelos docentes e discentes da EJA influenciam ou não na evasão escolar. Deste modo, através das respostas obtidas e das observações feitas durante a aplicação dos questionários, traçamos um diálogo entre as nossas considerações e as teorias que as esclarecem, utilizando assim alguns estudiosos no assunto como: Haddad, Danyluk e Pinto. Percebemos deste modo que há algumas divergências entre as respostas obtidas e as falas, ou seja, a realidade percebida em sala de aula. Os desafios apontados pelos alunos, podem em grande parte serem trabalhados e amenizados para não ocorrer a evasão.

**Palavras-chave:** Evasão; prática docente; desafios.

### INTRODUÇÃO

Garantir o acesso de pessoas jovens e adultos à educação é, antes de tudo, respeitar um direito do ser humano; direito esse garantido pela Constituição Federal.

Os jovens e adultos que não sabem ler, ou com pouca escolaridade, são pessoas que tiveram no seu passado podado, devido um fato da vida ou sobrevivência. Sabemos que as pessoas que passam por processos educativos escolares, podem exercer melhor sua cidadania e deste modo ter autonomia na vida em sociedade.

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Aperfeiçoamento em EJA, vinculado ao Projeto Ler e escrever o mundo: a EJA no contexto da educação contemporânea, oportunizado através de acordo de cooperação entre Universidade de Caxias do Sul e Ministério da Educação, em parceria com Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

<sup>2</sup> Formadora e orientadora no Curso de Extensão Escola e Pesquisa: um encontro possível, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul através do Projeto NEPSO, em parceria com a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro, ONGs com sede em SP. Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UCS). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A implantação de uma escola de qualidade avançou lentamente ao longo da nossa história, sendo uma educação inovadora e transformadora nos questionamos em diferentes fontes e argumentações diante deste processo do ensinar e aprender.

Mas o que realmente acontece em cada sala de aula ainda é uma grande dúvida.

Os problemas socioeconômicos, falta de qualificação dos profissionais e metodologias inadequadas são alguns dos desafios encontrados de um modo geral no nosso sistema educacional.

Diversos estudos apontam os desafios encontrados na EJA, tanto para o docente quanto para o discente. Mas quais são esses desafios e a sua relação com a evasão escolar?

A evasão escolar é crescente em todas as regiões do Brasil, principalmente na EJA. Deste modo, buscamos através desta pesquisa tentar evidenciar os desafios encontrados por discentes e docentes no contexto da EJA e se estes estão relacionados a evasão e, desta forma, levantar questões sobre quais medidas poderiam amenizar e quem sabe elucidar os desafios encontrados pelos pesquisados.

Através desta pesquisa e das observações realizadas durante a aplicação dos questionários com os docentes e discentes da EJA pretenderíamos buscar respostas para as questões que norteiam nossa pesquisa e relacioná-las com as teorias que as elucidam, e deste modo, buscar compreender os desafios encontrados pelos docentes e discentes da EJA e verificar se estes influenciam ou não na evasão escolar.

Sistematizamos neste artigo os resultados da pesquisa realizada procurando analisar os desafios encontrados, tanto pelos discentes e docentes da EJA, refletindo sobre os diferentes aspectos apresentados por ambos os entrevistados e a sua relação com a evasão.

Deste modo, analisamos as respostas obtidas e as observações realizadas no ambiente de sala de aula para compreendermos se os desafios apresentados corroboram para a evasão e se algumas mudanças no ambiente escolar podem amenizar ou até mesmo elucidar esta situação.

## **1. O PENSAR, AGIR E REFLETIR SÃO PRÁTICAS VIVENCIADAS NA**

## EDUCAÇÃO DE EJA

No Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais, embasados na teoria epistemológica construtivista, apontam metas de qualidade para o ensino. Sendo estes parâmetros flexíveis e abertos, cabe a cada professor direcionar suas metas e a escolha da metodologia a qual irá desenvolver suas aulas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam ainda, que: “há urgência em reformular objetivos, rever conteúdos e buscar metodologias compatíveis com a formação que hoje a sociedade reclama”(BRASIL, 1997,p.15).

Desta forma a metodologia de ensino escolhida pelo educador e a forma como este desenvolve sua aula, são ferramentas chaves para a qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Mas, com esta flexibilidade de escolhas, muitas vezes os professores não buscam alternativas e ferramentas para incentivar a compreensão e a construção do conhecimento, não levando em consideração a bagagem construída através da vivência por parte dos discentes.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda é vista por muitos como uma forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar na infância ou aqueles que, por algum motivo, tiveram de abandonar a escola durante o período de escolarização. Mas, felizmente, este conceito vem mudando cada vez mais. E este é um grande desafio da EJA: além do incluir o aluno e ampliar os seus conhecimentos, preparar o mesmo para o mercado de trabalho, pois sabemos que o grande valor da aprendizagem continua em todas as fases da vida, e não somente durante a infância e a juventude.

Encontramos também nessa trajetória de ensino e aprendizagem, o desafio da participação, do envolvimento, da inclusão e da equidade frente a nossa vasta diversidade cultural, pela qual precisamos trabalhar diante do conceito de transformação: precisamos aprender a ser, a viver juntos, a fazer e a conhecer; só assim poderemos dizer que incluímos e somos incluídos.

Interação só acontece quando professor e alunos agem e a ação de um é assimilada pelas ações dos outros, e vice-versa; quando indivíduo e sociedade agem, determinando-se; quando sujeito e objeto agem, transformando-se em função dessas ações” (BECKER, 2007, p. 16).

Becker através desta citação nos remete a refletir como ocorre a aprendizagem tanto por parte dos alunos como do próprio professor, a interação com

o meio, com o grupo, com o objeto de estudo faz com que ocorra uma desestabilização do conhecimento já adquirido, pois o conhecimento não é algo acabado, está sempre em constante transformação. As ações praticadas e as experiências construídas neste processo é que transformam o objeto de estudo em conhecimento, pois o aluno não é uma tabula rasa que capta o conhecimento transmitido pronto pelo professor ou pelo meio que está inserido; são suas ações, analisadas e refletidas, que se transformam em conhecimento.

Todos nós temos a necessidade de nos reeducarmos no que se refere a essa questão. Precisamos praticar novos paradigmas no que diz respeito aos direitos e deveres “incluindo a educação”, valorizar a bagagem do discente; suas aprendizagens fora do espaço escolar contribui no processo de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula.

A escola e a EJA nos mostram algumas das condições fundamentais para ensinar o aluno a aprender, ajudá-lo a tomar consciência do que já sabe e a continuar aprendendo pela vida afora; afinal a aprendizagem é ampla e aprendemos muito através da trajetória da vida.

É fundamental que o professor inove as fontes de aprendizagens e crie possibilidades diversificadas, assim como a pesquisa nos remete a diferentes descobertas que os alunos possam criar e buscar informações para contribuir com a ampliação dos conhecimentos.

De uma certa forma, na prática que desenvolvemos somos escravos da teoria que temos sobre as questões relativas a esta prática. Isto é, somos escravos do conjunto de representações mentais que constituem a nossa teoria. Percebamos que falo em representações mentais e não apenas idéias. Porque, diferentemente das teorias que costumamos ver formuladas, a teoria que sustenta a nossa prática também é composta de emoções, sentimentos, recordações e eventuais ligações, experiências e raciocínios que vamos construindo durante a nossa vida. (BRASIL, 2006, p.36)

Portanto, compreender o jovem neste processo de desenvolvimento é estar presente e atuante, podendo assim intervir conforme o seu ritmo de aprendizagem.

Diante das diferentes atividades proporcionadas muitas coisas acontecem os discentes adquirem novas formas de conhecimento, novas descobertas, compartilham ideias, suas potencialidades, seus limites exercitando com isso a autonomia e identidade. Sendo que, a todo momento, estamos envolvidos neste processo de ensino aprendizagem e é através das atividades a serem desenvolvidas que contribuimos para a formação da autonomia e confiança, de cada jovem e adulto, na busca de novos conhecimentos.

A partir de tudo que é proporcionado para o jovem e adulto, aguçamos o interesse por novas descobertas e despertamos a busca constante de novas aprendizagens.

Essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. [...] os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 2000, p.29)

Portanto, em todo o processo educativo, devemos “criar possibilidades” para a produção ou construção do conhecimento e para que isso ocorra é necessário que o docente busque conhecer o perfil do aluno, suas necessidades e interesses para construir o seu planejamento de ensino de modo satisfatório.

Penso que a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. (...) O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos. (ARROYO, 2006, p.22)

A diversificação social, cultural, econômica, etária dos alunos da EJA requerem mais trabalho e dedicação por parte dos professores, pois a necessidade de uma metodologia de ensino, um atrativo que consiga chamar a atenção de todos os alunos e instigar a busca do aprender não é tarefa fácil. Muitas vezes a grande diversificação em uma mesma sala de aula pode se tornar um desafio tanto para o professor quanto para o aluno, pois cada um tem sua especificidade, sua bagagem. Devemos estar constantemente atentos as realidades apresentadas na EJA e não se levar pela premissa que Arroyo destaca:

[...]os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade. (ARROYO, 2006, p.23).

Cada aluno da EJA frequenta esta modalidade de ensino por um motivo, uma razão; do mesmo modo quando evadem, cada um tem o seu motivo, sua razão.

Sabemos que o docente deve conhecer a história de vida dos jovens e adultos para poder definir melhor a sua estratégia ou metodologia a ser adotada em seu processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim as atividades serão desenvolvidas de acordo com a realidade social e cultural da turma.

Portanto o docente da Educação de Jovens e Adultos precisa sempre

motivar os seus discentes, considerando que a maioria chega à sala de aula cansado e desestimulado pelas atribuições do trabalho e dos problemas familiares. Nesse sentido, as aprendizagens devem ser contextualizadas à realidade do seu cotidiano de maneira que se tornem significativas e prazerosas. Nesta modalidade, nos deparamos com os mais variados níveis de aprendizagem; alguns nunca tiveram acesso à linguagem escrita, outros apenas conhecem as letras do alfabeto; uns sabem copiar, mas não conseguem ler; ou por vários outros motivos.

E frente a estes desafios a primeira abordagem é fazer com que haja aproximação entre o docente e discente para que ambos sintam-se à vontade nos diferentes momentos ocorridos em sala de aula. Em alguns momentos na aula, a professora conversa sobre os diversos problemas da vida familiar, as dificuldades profissionais, também ouve comentários da vivência cotidiana de cada um e ainda discute sobre os mais variados temas: política, economia, saúde, desemprego e outros.

As salas da EJA são marcadas pela riqueza da cultura brasileira e sua diversificação. Características estas que encontramos nos modos de falar, de gesticular, na culinária, nos traços físicos e nas preferências musicais encontradas nas diferentes regiões.

Em nossa vida possuímos muitos desejos e diante de nossa pesquisa descobrimos que o maior desejo dos discentes é participar; ser sujeito ativo na comunidade em que vive e exercer o direito de cidadão com dignidade. Possuir o domínio da leitura e da escrita e esta, como um precioso recurso que possibilita uma ampla visão do mundo.

## **2 DESAFIOS NA EJA: NECESSIDADE DE MUDANÇAS**

Dentre as atividades desenvolvidas por todo este percurso da EJA, uma questão frequente que assola o ambiente escolar da EJA nos remeteu a esta pesquisa, a fim de verificar se *os desafios encontrados pelos docentes e discentes da EJA influenciam ou não na evasão escolar*.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram pesquisados 7 docentes e 81 discentes.

A construção de dados foi realizada através da aplicação de questionários

com docentes e discentes da EJA, nas Totalidades Finais T4, T5 e T6<sup>2</sup>, em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Caxias do Sul/RS, a fim de averiguar os desafios encontrados pelos docentes e discentes da EJA e se estes influenciam ou não na evasão escolar. Deste modo buscamos dialogar com os docentes e discentes atuantes na EJA para conhecer aspectos empíricos da realidade em que estão inseridos, identificando os principais desafios encontrados pelos docentes e discentes da EJA e se os desafios apontados por ambos os entrevistados coincidem.

Ambos os questionários foram elaborados contendo 9 questões, sendo 7 objetivase 2 descritivas.

No desenvolvimento do projeto de pesquisa, aplicamos 81 (oitenta e um) questionários para os discentes; distribuídos em 5 (cinco) turmas: uma turma T4, 2 (duas) turmas T5 e 2 (duas) turmas T6. Nas turmas onde aplicamos os questionários aos discentes, as idades variam entre 15 anos a 51 anos, predominando o maior número de discentes variam entre 15 anos e 20 anos ou seja, 65% dos entrevistados.

Aplicamos também 7 (sete) questionários para os docentes que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Totalizando um percentual de 41% docentes do sexo masculino e 41% docentes do sexo feminino.

Pudemos observar durante a aplicação dos questionários e através do diálogo com discentes e docentes que grande parte dos discentes vem das regiões agrícolas da cidade; por esse motivo, não puderam estudar em tempo hábil em escolas de ensino regular e outros com dificuldades de aprendizagem ou interesse, deslocando-se desta forma, para as escolas da EJA.

Em análise das respostas obtidas nos questionários dos discentes, 80% dos discentes estão inseridos no mercado de trabalho e buscam a certificação para poder melhorar cada vez mais profissionalmente e serem valorizados, sendo que 34% responderam que voltaram a estudar por exigência do trabalho e 36% pela busca de um emprego melhor. Estes dados revelam que o retorno aos estudos está relacionado a busca pela certificação.

As exigências mostram-se crescentes na sociedade à qual estão ligadas e, mesmo que alguns dos trabalhadores tenham permanecido na escola por tempo suficiente para adquirirem habilidades básicas de leitura e escrita, esse conhecimento hoje é considerado insuficiente porque na sociedade

onde vivem, que é uma sociedade gráfica, a necessidade de ler e escrever torna-se bastante consciente para eles. (DANYLUK, 2001, p.51)

Com o retorno aos estudos, 45% dos discentes enfatizam que o maior desafio encontrado é o cansaço físico e mental, devido à jornada de trabalho, mas argumentam que diante das aulas, encontram motivações para continuarem sendo as mesmas agradáveis, interessantes, dinâmicas e produtivas.

Em contraponto a estas respostas, através das observações realizadas durante a aplicação dos questionários, presenciamos algumas reclamações diretas aos professores sobre as metodologias de ensino utilizadas e a infantilização. Alguns comentários como: “Ô profe, tu só sabe encher o quadro e nem explica nada.” (discente); “Os professores nos tratam como se fossemos criança” (discente).

Pensar sobre a forma como jovens e adultos pensam e aprendem, no nosso entender, envolve considerar: que essas pessoas não são mais crianças, que são seres que, de alguma forma, foram excluídos da instituição escolar, ou então, que não puderam estar em uma escola, e, ainda, que a cultura trazida por cada um é parte de seus mundos e vivências. ( DANYLUK, 2001, p.41)

Através das respostas obtidas nos questionários e das observações realizadas, percebemos que tanto o docente quanto o discente, por muitas vezes, se sentem desmotivados diante do desrespeito e do cansaço físico, sendo estes os maiores desafios apontados, seguidos por:: falta de meios e recursos necessários, diferentes faixas etárias, trabalhar a diversidade, contexto social e a falta de interesse e participação por parte dos alunos. Estes foram os aspectos apontados pelos docentes. No entanto, os discentes apontaram os seguintes aspectos: longo tempo fora da instituição escolar, infantilização e obter a certificação; os mesmos desafios apontados referentes as causas da evasão escolar.

A Educação de Jovens e Adultos nos níveis fundamental e médio deverá ter seu projeto pedagógico próprio construído e implementado atendendo aos interesses e necessidades dessa população que se caracteriza pelas suas profundas diversidades. [...] construindo seus conhecimentos de forma participativa e criando condições para o exercício de uma cidadania crítica, partícipe da sociedade e de mundo em seus aspectos amplos e de trabalho. (SCHEIBEL e LEHENBAUER, 2006, p. 38)

Deste modo, percebemos que os desafios apontados tanto pelos discentes como pelos docentes da EJA na instituição escolar, são os mesmos fatores que geram a evasão. Sendo assim acreditamos que a evasão pode ser amenizada,



utilizando-se meios que busquem elucidar estes desafios apontados pelos entrevistados. Aulas instigadoras, que agucem a busca pelo conhecimento por parte do docente, pode muitas vezes superar ou amenizar o cansaço físico do trabalho diário; metodologias de ensino que envolvam pesquisa, trabalhos em grupos, cooperativismo; contribuem para a autonomia e o desenvolvimento da criatividade e criticidade.

A evasão e a repetência apresentam-se como problemas educacionais generalizados, cujas razões relacionam-se a múltiplos fatores de ordem política, ideológica, social, econômica, psicológica e pedagógica e à ausência de metodologias de ensino que incorporem e articulem os conhecimentos dos quais os alunos são portadores. (HADDAD, 2002, p.89)

Na pesquisa com os docentes, foram entrevistados 4 pessoas do sexo feminino e 3 pessoas do sexo masculino totalizado 7 docentes que responderam a pesquisa, sendo que 60% dos docentes possuem a faixa etária de 51anos ou mais e atuam na sala de aula de 6 anos à 25 anos e 40% atuam há mais de 26 anos. O tempo de atuação na EJA varia, 3 docentes atuam a 3 anos e 4 docentes atuam de 4 anos à 17 anos.

Considerando a atuação profissional dentro da sala de aula da EJA analisamos que, que 100% consideram uma atuação livre, pois encontram liberdade para planejar e executar as aulas conforme as necessidades percebidas e levantadas pelos alunos.

Para os docentes também que evidenciaram os fatores que interferem no rendimento do ensino e aprendizagem da EJA, destes 90% destacaram a assiduidade dos alunos e o comprometimento.

A fim de analisarmos as evidências que levaram os docentes a atuar na EJA percebemos a sua principal motivação para esta escolha de atuação; obtivemos respostas surpreendentes como: oportunidade, motivação, desafios, realização de sonhos, afetividade, comprometimento e a importância dos estudos, demonstrando a importância percebida pelos docentes na educação de jovens e adultos.

Diante das diferentes abordagens desenvolvemos uma ação contínua de reflexão e análise com base nas respostas obtidas nos questionários bem como, as falas e ações percebidas em sala de aula e corredores da escola.

Com tudo, percebemos que as práticas em sala de aula bem como a troca mútua entre discentes e docentes instiga além da aprendizagem e o conhecimento, mas sim a vontade de crescer pessoalmente e profissionalmente, dando um impulso

a mais ao discente na busca pelo conhecimento.

Um olhar instigador nas análises dos questionários que evidenciaram nossa pesquisa, bem como nas observações e reflexões feitas no ambiente de sala de aula constatamos que outros aspectos foram percebidos, bem como: os principais fatores que causam a evasão: a distância da escola; o cansaço do docente que trabalha o dia inteiro e o despreparo do corpo docente para trabalhar com a especificidade da EJA, pois, muitas vezes o professor não valoriza a experiência de vida que este aluno já traz consigo, como trabalhador, como adulto inserido em um processo de produção.

A escola não se apresenta como lugar de alegria ou de aprendizagem criativa: privilegia a seriedade, a formalidade. Sua marca fundamental é a exigência frequente e intransigente do silêncio, do comportamento passivo, da obediência, assentada em métodos didáticos anacrônicos, transformando-se em um espaço desmotivador e desinteressante, embora formas de resistência persistam. (HADDAD, 2002, p.89)

A Educação de Jovens e Adultos para ir além da Educação Formal, deve incorporar as práticas e os saberes construídos no cotidiano.

Sabemos que o educador e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização e escolarização. É importante que o adulto compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar em sua vida o conteúdo aprendido na escola.

Para que a educação possa se dar de forma problematizadora e crítica, é necessário que a realidade seja conhecida e que haja uma postura da escola buscando despertar o desejo de transformação social e que esta seja elaborada de forma coletiva e participativa.

Não há como negar os conflitos existentes na sociedade, em relação à EJA. Assim, é preciso interrogar/investigar constantemente a realidade e colocar-se a serviço da superação das estruturas que mantêm e reforçam a desigualdade. Portanto o papel da escola vem a encontro com assumir o direito de questionar a realidade de seu aluno é preciso deixar os próprios alunos discutirem e buscarem soluções para resolverem seus problemas.

Percebemos que, na perspectiva de Arroyo (2006), quando o autor afirma que a juventude e a vida adulta trazem consigo um tempo de marcas de socialização e de sociabilidade, de formação e intervenção. Dessa forma, esses “tempos de vida”

do jovem e do adulto, assinalados pelo autor, devem ser tratados como “tempo de direito” que culmina na urgência de se elaborar e implementar políticas públicas dirigidas à garantia da pluralidade de seus direitos e ao reconhecimento de seu protagonismo na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo buscamos refletir sobre os desafios encontrados pelos discentes e docentes da EJA e sua relação com a evasão escolar. Analisamos questões emblemáticas no processo educativo na EJA, tais como: os desafios do docente/discente com ênfase na evasão escolar e suas influências ainda hoje em sala de aula, o currículo da educação de jovens e adultos e, por fim, os saberes e os fazeres de quem ensina e de quem aprende.

Quando se analisa estas circunstâncias na EJA, de alguma forma, nos deparamos com um fator primordial na educação: o amplo diálogo entre as diferentes concepções de entendimentos sobre a temática, principalmente, no que envolve o currículo, as metodologias de ensinamentos desenvolvidas em sala de aula, bem como, a formação continuada aos docentes.

Diante dos resultados da pesquisa e das análises observadas, percebemos certa discrepância entre as respostas obtidas nos questionários e a realidade observada em sala de aula. Alguns discentes após o preenchimento dos questionários, comentaram que se soubessem que os docentes não iriam ter acesso aos questionários, teriam respondido diferente, demonstrando ainda mesmo nas salas de aula de EJA, o medo em relação aos docentes, a instituição escolar.

As respostas que classificaram as aulas como agradáveis, motivadoras, foram de certo modo, postas em dúvida, pelos comentários e fatos observados durante a aplicação dos questionários.

A falta de uma formação continuada aos docentes e o modo de expressar-se em sala de aula em sua maioria, também deixa claro uma postura pedagógica tradicional, utilizando-se de uma metodologia com o princípio a transmissão dos conhecimentos, através da aula do professor, normalmente expositiva.

As hipóteses levantadas na pesquisa foram ratificadas, pois diante dos dados, evidenciamos que: os discentes da EJA retornam as salas de aula em busca de certificação; as aulas desenvolvidas pelos docentes da EJA não atendem as

necessidades e anseios dos discentes; o cansaço físico e mental por parte dos discentes é um dos principais fatores que desencadeiam a evasão na EJA; a acomodação por parte do docente o leva a utilizar a mesma metodologia de ensino tradicional, tanto para adultos e crianças, o que desmotiva o discente da EJA.

Deste modo, enfatizamos através desta pesquisa a necessidade de mudanças tanto no currículo, na qualificação do docente e de políticas públicas que visem sanar as dificuldades encontradas nas salas de aula da EJA, a fim de promover uma educação de qualidade a todos, incluindo os jovens e adultos.

Sabemos que esta pesquisa foi realizada em apenas em uma escola de nossa cidade, mas conforme estudos realizados em busca de referencial teórico podemos fazer uma comparação com a realidade da EJA no contexto brasileiro, o que também conforme estudos, não há significativas diferenças, demonstrando que os problemas encontrados aqui são os mesmos em diferentes estados do país.

As diferentes dimensões que foram abordadas neste texto são questões que se fazem presentes no cotidiano escolar, entre o docente e o discente, que por muitas vezes nos inquietam e nos instigam à pesquisa.

E deixamos como reflexão o seguinte dizer: Ensinar requer uma exigência, uma vontade e uma busca constante fundamental, nas salas da EJA, o respeito aos saberes dos alunos. Neste espaço existe uma ampla relação entre o fazer e o pensar sobre o fazer que compõem a identidade do docente, mas que reflete na relação entre os discentes.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BECKER, Fernando. **Ensino e Pesquisa**: qual a relação? *In*: BECKER, Fernando e MARQUES, Tânia Beatriz Iwasko (orgs). *Ser Professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, 2007, (p.11-20).

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. 3 v.

BRASIL, Ministério da Educação, **Coleção trabalhando com a educação de jovens e adultos**, Caderno 5: O processo de aprendizagem dos alunos e professores. Brasília, 2006.

BUOGO, Ana L. CHIAPINOTTO, Diego. CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). O Desafio de Aprender: ultrapassando horizontes. Caxias do Sul: Educs, 2006.

DANYLUK, Ocsana Sônia (Org.). **Educação de adultos**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2001.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação**: diálogos. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 2 v. (Coleção Educação e comunicação ; 9, 12).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 16.ed. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 2000. 165p. (Coleção leitura)

HADDAD, Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil**: 1986-1998. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.

SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana. **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA**. Canoas, RS: Pallotti, 2006.

TORRES, Rosa María. **Educação popular**: um encontro com Paulo Freire. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002. 115 p. (Coleção educação popular ; 9).